

O PODER, A IDENTIDADE E O DISCURSO DO OUTRO NAS POSTAGENS POLÍTICAS NO FACEBOOK

JOSANE DANIELA FREITAS PINTO*

Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, São Paulo, SP, Brasil. Universidade do Estado do Pará (UEPA), Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), Departamento de Letras e Literatura (DLLT), Belém, Pa, Brasil.

Recebido em: 17 abr. 2018. Aprovado em: 28 maio 2018.

Como citar este artigo: PINTO, J. D. F. O poder, a identidade e o discurso do outro nas postagens políticas no Facebook. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 260-276, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n2p260-276

Resumo

O advento da tecnologia impulsionou o surgimento de novas possibilidades de uso criativo da linguagem. Diante dessa nova realidade, observamos o Facebook, que se caracteriza por propagar rapidamente opiniões, ideias, permitindo a organização, por exemplo, de grupos ou movimentos políticos, alguns voltados para a manutenção do poder e outros interessados na mudança desse contexto

* E-mail: josanedaniela@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0644-3219>

social. Nessa direção, optamos por analisar as postagens de alguns grupos políticos, utilizando, como base teórica, autores voltados, principalmente, à Análise Crítica do Discurso (ACD), entre eles, Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011) e van Dijk (2010, 2012), e buscando correlação com posições clássicas de Bakhtin (2015, 2016), investindo, assim, em uma discussão multidisciplinar.

Palavras-chave

Identidade. Discurso do outro. Poder.

INTRODUÇÃO

O Brasil está vivendo, desde as eleições presidenciais de 2014, um momento político turbulento. As redes sociais tornam-se o espelho dessa realidade concreta e o Facebook se constitui no gênero no qual as postagens passaram a revelar a efervescência política do país.

Neste estudo, buscamos conhecer a organização desse discurso do ponto de vista das suas representações, por isso, Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011) e van Dijk (2010, 2012) dão-nos direção teórica, segundo a Análise Crítica do Discurso (ACD). Buscamos em um aparato teórico multidisciplinar, alguns conceitos como o discurso, os gêneros do discurso, o discurso do outro, o poder e a identidade, que não se excluem. Sabemos que sua existência depende da interação comunicativa entre os indivíduos na sociedade. Por isso, estão interligados e podem ser identificados em qualquer ambiente social, entre eles, o virtual, em que selecionamos o Facebook.

Os objetivos para este trabalho constituem-se em conhecer a organização discursiva, buscando conhecer as estratégias linguístico-discursivas das postagens no Facebook utilizadas para marcar ideologicamente a posição de determinados grupos, e verificar nas postagens políticas a presença do discurso do outro, a fim de delinear a concepção de cada grupo e como a sua identidade é construída ao se posicionar nas questões políticas.

Selecionamos as postagens feitas no Facebook por três grupos diferentes no período pós-*impeachment* de Dilma Rousseff. Os dados coletados são postagens publicadas nos meses de outubro e novembro de 2016, quando Dilma, então presidente da República do Brasil, teve seu afastamento aceito em votação pelo Senado Federal e o vice-presidente, Michel Temer, ficou no seu lugar.

A análise dos dados será qualitativa, para que possamos atingir os objetivos estabelecidos.

A relevância desta pesquisa reside no fato de destacarmos o Facebook como uma rede social que dissemina, de forma dinâmica, as informações, notícias e comentários, possibilitando que se conheça a atual situação política do Brasil a partir do que postam os integrantes dos grupos.

OS GÊNEROS DO DISCURSO E AS POSTAGENS NO FACEBOOK

Os estudos do discurso marcadamente iniciam-se na década de 1960, caracterizando-se por uma abordagem transdisciplinar, perpassando por diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, etc. Seguindo essa proposta de transdisciplinaridade, surgiu, a partir dos anos de 1980, a Análise Crítica do Discurso (ACD), que pode ser definida como:

[...] um tipo de investigação científica analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político (VAN DIJK, 2010, p. 113).

Isso significa dizer que tomamos o discurso como prática social, que permite conhecer a desigualdade social, e isso, segundo Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011, p. 357, tradução nossa), “implica em uma relação dialética entre um evento discursivo e todos os elementos diversos da situação, instituições e estruturas sociais que o modelam”¹.

Na verdade, essa relação tem mão dupla: o discurso é moldado pelas situações, instituições etc., mas também ocorre o inverso, ou melhor, o discurso influencia as situações, as instituições etc. Observando essa relação dialética, van Dijk (2012, p. 257-258) afirma:

[...] o discurso hoje é analisado como um objeto complexo e multimodal, como forma de interação social e evento comunicativo em seu contexto sociocultural, organizado por estratégias subjacentes e representações cognitivas compartilhadas socialmente [...].

¹ No original: “[...] implies a dialectical relationship between a particular discursive event and all the diverse elements of the situation(s), institution(s), and social structure(s) which frame it” (FAIRCLOUGH, MULDERRIG; WODAK, 2011, p. 357).

Concebendo de modo semelhante a van Dijk, o discurso como prática social, que continuamente influencia ou sofre interferências do contexto socio-cultural, Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011) reforçam sobre a preocupação de essa teoria tratar dos problemas sociais; das relações de poder que são discursivas; da sociedade e da cultura, constituídas pelo discurso; além do fato de o discurso revelar um trabalho ideológico; e de ser histórico. Destacam ainda a relação mediada entre o discurso e a sociedade. Trata-se, pois, da análise do discurso interpretativa e explanatória, que tem no discurso uma forma de ação social (FAIRCLOUGH; MULDERRIG; WODAK, 2011, p. 368-373).

As atividades discursivas apresentam possibilidades infinitas de ocorrência. Assim também se dá a diversidade de gêneros do discurso, no sentido de que possuem a mesma dinamicidade do discurso, em um *continuum* de mudança. Van Dijk (2012, p. 207) define gênero como “um tipo de texto ou de fala ou, mais amplamente, de atividade cerebral ou evento comunicativo”.

Os gêneros discursivos refletem e refratam a realidade concreta, que requer uma forma padronizada, pois as condições por si não constituem o reflexo da individualidade na linguagem. Além disso, por considerarmos a palavra como material essencial para a comunicação humana e a vida cotidiana como o domínio em que as formações discursivas se encontram, entendemos que a tecnologia trouxe novas possibilidades de uso criativo da linguagem e, junto a esse fato, surgiram novos gêneros discursivos e estilos.

Foi Crystal (2005) um dos primeiros autores a discutir o impacto da chegada da internet na linguagem, ao retomarmos o que ele apresentou como escopo da chamada “linguística da internet”. A partir de então tivemos uma nova maneira de utilizar a linguagem, diferente em muitos aspectos da conversa e da escrita tradicionais. Entre as diferenças que o autor aponta estão os novos padrões de tomada de turno, o uso dos *emoticons* e de novos ritmos conversacionais.

Crystal (2005) afirma que a internet trouxe para a língua novas variedades estilísticas, aumentando de forma expressiva a informalidade no uso desta. Embora alguns condenem isso, ele enfatiza a necessidade de comemorar o fato de que a internet nos permite explorar com criatividade o poder da linguagem escrita. O linguista ainda constata que cada domínio, como Facebook, MySpace, Hi5 e Bebo, entre outros, apresenta perspectivas comunicativas, propriedades, estratégias e expectativas diferentes.

Diante dessa nova realidade, observamos que o Facebook rapidamente propaga, dissemina opiniões, ideias, por meio das postagens, algumas voltadas

para a manutenção do poder e outras interessadas na mudança dessa realidade. É a partir dessa perspectiva dialética e considerando o surgimento de novos gêneros discursivos decorrentes do avanço tecnológico que faremos a discussão de conceitos voltados ao poder e à identidade.

O PODER E A IDENTIDADE NO DISCURSO

Descrever como acontece o abuso de poder é o que a ACD está interessada em explicar. Dessa forma, podemos afirmar que seu objeto de estudo é a “reprodução discursiva do abuso de poder e da desigualdade social” (VAN DIJK, 2010, p. 9). Assim, a teoria focaliza o estudo sobre como o poder social exerce o controle das ações e mentes dos indivíduos, por meio do discurso que se encontra presente nas relações de grupos organizados.

Van Dijk (2010) ressalta que a ACD se concentra na presença de propriedades do discurso (visuais ou sonoras, estruturas sintáticas, seleção musical, figuras retóricas, entre outras) que expressem, confirmem, reproduzam ou confrontem o poder social. Podemos considerar isso como uma forma peculiar moderna de “reflexividade”, como declaram Fairclough, Mulderrig e Wodak:

Esta construção reflexiva e reconstrução de si próprio é uma característica normal da vida cotidiana e continuamente está tomando novas formas. Por exemplo, a tendência popular atual da “rede social” cria práticas discursivas reflexivas (por exemplo, Facebook, MySpace, Twitter), construindo identidades sociais, relações, protesto político, luta social, consumo e entretenimento (tração nossa)² (FAIRCLOUGH; MULDERRIG; WODAK, 2011, p. 359).

Da mesma forma que Fairclough, Mulderrig e Wodak (2011) tratam da construção da identidade social, de forma reflexiva, mas numa outra perspectiva, isso se coaduna com o que foi proposto por Hall (2006, p. 8), principalmente quando este declara que “as identidades modernas estão sendo ‘descen-tradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, e mais adiante acrescenta:

2 No original: “*This reflexive construction and reconstruction of the self is a normal feature of everyday life, and is continually taking new forms. For example, the currently popular trend of ‘social networking’ creates reflexive discourse practices (e.g. Facebook, MySpace, Twitter), constructing social identities, relationships, political protest, social struggle, consumption, and entertainment*” (FAIRCLOUGH; MULDERRIG; WODAK, 2011, p. 359).

A modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida (HALL, 2006, p. 14).

As mudanças são tão rápidas, dinâmicas, que possibilitam essa reflexividade. Hall (2006, p. 38) diz que:

[...] a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e algo não inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

A identidade vai sendo constituída ao longo da existência do indivíduo, a partir do contexto social em que vive, das suas ideologias, das suas crenças, do seu contato com o outro etc. Essa mudança identitária contínua, ininterrupta, torna-se possível pela presença das redes sociais no nosso cotidiano. Dessa forma, a identidade se faz presente no discurso das postagens, bem como o poder, revelado em alguma forma de dominação.

Além de discutir sobre os conceitos de poder e identidade, é necessário ressaltar como eles estão presentes no discurso das redes sociais, em especial no Facebook, e como, para construirmos nossa identidade, precisamos também do outro, do discurso do outro.

O DISCURSO DO OUTRO

Entendemos que, embora de outra linha teórica, não se pode deixar de citar e/ou correlacionar o que disseram autores credenciados para o tratado de determinados fatos da linguagem, como é o caso de Bakhtin e Volochinov (2006). Eles definem a consciência individual a partir do meio ideológico e social, indicando, assim, que de forma isolada ela não existe, mas sim no processo de interação dialética, permitindo a apropriação, o uso do discurso do outro.

Na interação de pelo menos duas enunciações, ocorre o diálogo; nele há a recepção ativa do discurso do outro. A língua irá refletir as relações estáveis dos falantes, principalmente porque o seu objetivo principal não é a expressão, e sim a comunicação. Considerando o discurso citado e o contexto da transmissão, há entre eles uma inter-relação dinâmica e dialética, pois irá sempre

refletir a relação social entre os indivíduos na comunicação ideológica verbal. Bakhtin e Volochinov (2006) declaram:

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 153-154).

A língua se materializa na interação entre os indivíduos. E é nesse processo de interação que o falante pode utilizar o discurso do outro para inserir de forma oculta as suas réplicas e os seus comentários. Dessa forma, observamos que o nosso dia a dia está tão marcado pelo discurso do outro, da apropriação do discurso alheio – de forma direta ou indireta – porque há a comunhão de opiniões, de posicionamentos ideológicos.

Logo, todo enunciado é caracterizado por essa atitude responsiva a outros enunciados, principalmente no Facebook. As postagens e comentários refletem essa presença do outro no discurso de um sujeito, ou seja, há entre os discursos uma relação dialógica.

O discurso do outro pode se fazer presente por meio do discurso citado, podendo ser destacado entre aspas. Bakhtin (2016, p. 60) institui a seguinte ressalva sobre os enunciados:

[...] quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semelhantes e latentes, de diferentes graus de alteridade.

Entende-se a importância do enunciado como a ligação dialética imprescindível na comunicação discursiva entre os sujeitos; ele sempre será uma resposta aos outros enunciados que vieram antes dele.

O Facebook constitui-se em um ambiente onde ocorre o entrecruzamento de discursos (reflexão e refração). Cada grupo político que realiza as postagens e comentários traz para esse ambiente virtual as suas experiências sociopolíticas e também os universos culturais que vão representar o outro. Assim, além de estar voltado ao seu objeto, o enunciado apresenta os discursos do outro, ou seja, responde de uma forma ou de outra aos enunciados do interlocutor.

Por isso, as conversas estão repletas de transmissões e interpretações do discurso alheio; sempre está presente uma “citação”, uma “referência” ao que foi dito por outra(s) pessoa(s). Desse modo, os conceitos de discurso, gênero discursivo e discurso do outro reforçam o princípio dialético da linguagem.

ANÁLISE DOS DADOS

Com o resultado das eleições presidenciais de 2014, verificamos que o Brasil ficou dividido, pois Dilma Rousseff venceu com 51,64% dos votos válidos o outro candidato, Aécio Neves (RESULTADO..., 2014). Desde sua posse, os opositores ao seu governo continuaram questionando o resultado das eleições, acirrando ainda mais a divisão entre os grupos pró e contra a reeleição de Dilma Rousseff. Em dezembro de 2015, foi autorizada pelo Congresso Nacional a abertura do processo de *impeachment*. Dilma Rousseff perdeu o mandato em agosto de 2016, assumindo o vice-presidente, Michel Temer, que tem um grande índice de reprovação popular (POSSE..., 2016).

Essa ocorrência originou inúmeras postagens que refletiram esse contexto sociopolítico em conflito. Considerando o discurso como palavras em movimento, como prática social da linguagem (VAN DIJK, 2012; FAIRCLOUGH; MULDERIG; WODAK, 2011), podemos entender que ele representa uma mudança contínua e que reflete a realidade que nos circunda. Por estar sempre em transformação, os novos gêneros discursivos (VAN DIJK, 2012), surgidos na era da linguística da internet aplicada (CRYSTAL, 2005), entre eles o Facebook, representam muito bem essa dinamicidade.

Nessa direção, podem ser identificadas entre os grupos/movimentos formados ou em formação três tendências: a primeira é a favor de Dilma Rousseff e contra o *impeachment*, composta pelos partidos de esquerda; a segunda é contrária à Dilma e a favor do processo de *impeachment*, formada pelos partidos de direita; e a terceira é contra a corrupção e a favor do *impeachment*, que se define como apartidária. Selecionamos um grupo de cada tendência para analisarmos as postagens.

O primeiro grupo, pertencente à primeira tendência, é Contra o Golpe Fascista II. Até o dia 15 de novembro de 2016, 4.348 pessoas curtiram essa página no Facebook. Eles se identificam como “aqueles que lutam contra a extrema-direita fascista e nazista crescente no Brasil”.

Figura 1 – Imagem do perfil do grupo Contra o Golpe Fascista II



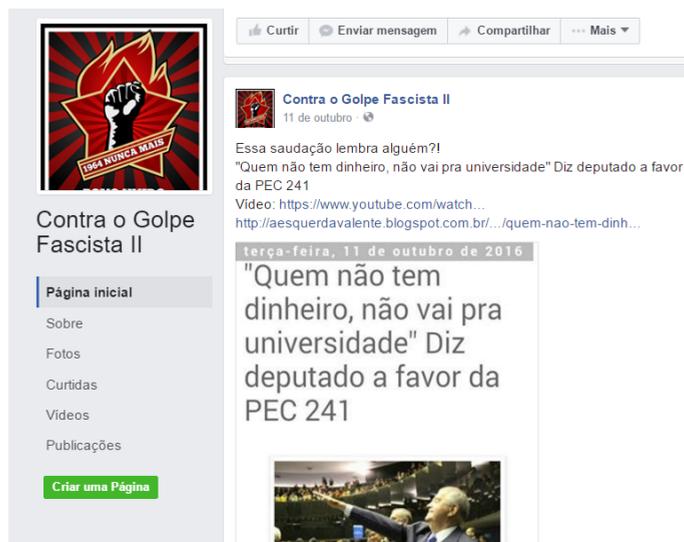
Fonte: <https://www.facebook.com/ContraFascista/>

Na identificação do grupo em sua página no Facebook, localizamos a mão fechada no centro de uma estrela vermelha com uma chama ao fundo, simbolizando o partido comunista, o que é reforçado com o enunciado na faixa que vai de uma ponta à outra da estrela: “1964 nunca mais”.

Na postagem do dia 11/10/2016 (Figura 2), é feita a pergunta sobre a saudação e a imagem do deputado repetindo a saudação nazista. Retomando a discussão de Bakhtin (2015) e Bakhtin e Volochinov (2006), de que o nosso discurso está sempre repleto do discurso do outro, dado que essa apropriação das palavras alheias se dá devido ao processo de interação dialética e dinâmica que ocorre entre os sujeitos na comunicação ideológica verbal, temos também que o discurso do outro não se restringe à linguagem verbal, pois, neste caso, o gesto lembrando Hitler representa o discurso alheio não verbal. A seguir, é apresentada uma frase dita por um deputado favorável à PEC 241, que está entre aspas, exemplificando o discurso citado. A postagem reforça a ideia contra a PEC 241 ao apresentar um político favorável ao nazismo e contra o acesso das classes populares à universidade, como se constata na Figura 2.

O grupo que representa a segunda tendência é o Jovens de Direita. No dia 15/11/2016, a página dos Jovens de Direita apresentou um total de 233.384 curtidas. “Sou jovem, sou conservador, sou cristão, sou de Direita!” é o lema apresentado pelo grupo na sua página do Facebook.

Figura 2 – Postagem do grupo Contra o Golpe Fascista II do dia 11/10/2016



Fonte: <https://www.facebook.com/ContraFascista/>

Figura 3 – Imagem do perfil do grupo Jovens de Direita



Fonte: <https://www.facebook.com/jovensdedireita/>

Na imagem, identificamos que o grupo apresenta a bandeira do Brasil e, em torno do círculo azul, há o nome Jovens de Direita, escrito com letras amarelas em uma faixa verde. As cores do nome do grupo centralizadas no centro da bandeira intensificam sua característica nacionalista. Logo abaixo do círculo, há uma seta na cor laranja, indicando o sentido da direita, reforçando seu posicionamento político, a constituição identitária desse grupo (FAIRCLOUGH; MULDERIG; WODAK, 2011; HALL, 2006).

O grupo Jovens de Direita publicou uma postagem no dia 12/11/2016 (Figura 4) e direcionou àqueles que têm amigos esquerdistas. O enunciado que está em destaque – “Os mexicanos são um Bando de índios... ANALFABETOS!” – associa-se a Donald Trump, presidente eleito dos Estados Unidos, visto que

sua foto está ao lado da formulação como se fosse proferida por ele. No entanto, a autoria do enunciado é de Ernesto Che Guevara, o famoso revolucionário socialista, publicado em 1956.

A estratégia de utilização do discurso do outro e da imagem resultou em um efeito contundente, pois ao ler o enunciado há um direcionamento do que foi dito para o Trump. Entretanto, o autor foi um socialista.

Figura 4 – Postagem do grupo Jovens de Direita no dia 12/11/2016



Fonte: <https://www.facebook.com/jovensdedireita/>

O grupo ainda apresenta abaixo do enunciado uma mensagem dirigida ao leitor de esquerda: “Estava prontx para fazer TEXTÃO NÉ??? Mas agora que sabe que foi Che Guevara quem disse, vai apenas fechar a foto e fingir que não leu não é mesmo?????” Nela, encontramos algumas estratégias, como o uso da caixa alta, do aumentativo e ainda do ponto de interrogação para enfatizar a decisão do leitor de esquerda em não escrever uma crítica ao Trump, por ser um enunciado de autoria do Che Guevara. Logo abaixo da mensagem, a palavra “hipócrita” é colocada em caixa alta, acompanhada de cinco pontos de exclamação.

Percebemos no discurso presente na postagem (Figura 4) a utilização de diversas propriedades verbais e visuais no uso do poder do grupo Jovens de Direita para confrontar os leitores pertencentes à esquerda, com base em van Dijk (2010).

O grupo que representa a terceira tendência é o Movimento Brasil Contra a Corrupção (MBCC), que no dia 15/11/2016 apresentava 33.410 curtidas na

página. O MBCC é um movimento “apartidário, ordeiro e pacífico de brasileiros, que deseja dar um basta na corrupção e impunidade” – essa é a forma como ele se apresenta em sua página do Facebook.

Figura 5 – Imagem do perfil do grupo Movimento Brasil Contra a Corrupção



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentobrasilcontracorrupcao/>

Na Figura 5, a foto que identifica o grupo revela a presença das cores da bandeira do Brasil. No entanto, os tons verde e amarelo são mais fortes do que os apresentados em uma imagem oficial da bandeira e se diferenciam do grupo Jovens de Direita, pois estes usam os mesmos tons do símbolo nacional.

Há uma faixa preta na diagonal, cortando a bandeira de uma ponta à outra, simbolizando o luto pelas denúncias de corrupção. No centro da imagem, no lugar da cor azul que encontramos na bandeira do Brasil, há um círculo na cor preta com o nome do grupo escrito na cor branca. A escolha da cor preta ressalta o engajamento no combate à corrupção e o luto pela situação na qual se encontra o país. Na base da imagem, encontramos o endereço da página do grupo na internet.

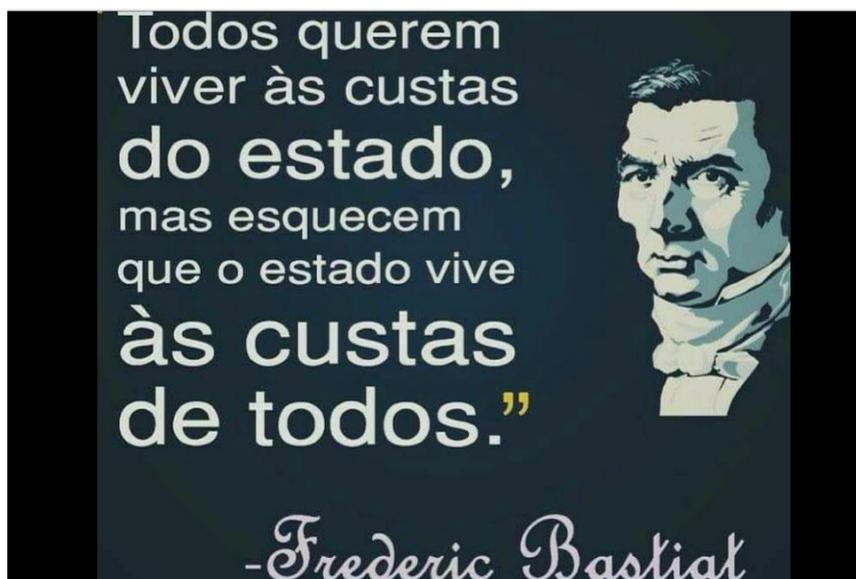
A língua reflete as relações estáveis, a interação entre os sujeitos e é inserida neste contexto, no qual o falante utiliza o discurso do outro para apresentar de forma infiltrada os seus comentários, concordâncias e discordâncias. Bakhtin (2016) afirma que todo enunciado ecoa, ressoa o discurso do outro em plenitude. Assim, percebemos, nas figuras 6 e 7, que o Movimento Brasil Contra a Corrupção publicou apenas a frase de Frédéric Bastiat, sem adicionar qualquer comentário. O uso do discurso do outro na forma de discurso direto, como na postagem da foto, revela a total concordância com a ideia apresentada pelo economista e jornalista francês Frédéric Bastiat.

Figura 6 – Postagem do Movimento Brasil Contra a Corrupção no dia 31/10/2016



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentobrasilcontracorrupcao/>

Figura 7 – Frase de Frédéric Bastiat usada na postagem do Movimento Brasil Contra a Corrupção do dia 31/10/2016



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentobrasilcontracorrupcao/>

Figura 8 – Postagem do Movimento Brasil Contra a Corrupção do dia 25/10/2016



Fonte: <https://www.facebook.com/movimentobrasilcontracorrupcao/>

Na Figura 8, é apresentado o plano cartesiano usado na matemática e criado por Descartes com o objetivo de localizar pontos em determinado plano. Ao lado deste aparece o enunciado “Desde 1637, mostrando que ir para a esquerda é retrocesso”. Nesse caso, usa-se o discurso do outro – o plano cartesiano – e insere-se um comentário de autoria do grupo contra a esquerda.

RESULTADOS

O discurso oral e/ou escrito está repleto do discurso do outro, de forma direta ou indireta. Para Bakhtin (2015), o discurso alheio ou discurso do outro se faz presente em vários momentos da vida, nas diferentes situações interacionais entre os indivíduos. Em nosso estudo, foi escolhido o Facebook e, por meio das postagens políticas apresentadas pelos grupos, identificamos o uso do discurso do outro de diferentes formas, mas sempre com os objetivos de ressaltar a concordância com a ideia apresentada ou de fazer uma crítica ao grupo opositor, constatar a possível manipulação política que aí se instaura e revelar o jogo de poder (VAN DIJK, 2010) na desqualificação do discurso do grupo opositor.

Considerando os objetivos estabelecidos para este trabalho, ao apresentar as estratégias linguístico-discursivas usadas pelo grupo por meio do discurso do outro, identificamos o uso do poder, a intenção de manipulação de cada grupo ao defender o seu ponto de vista em cada postagem ao apresentar suas ideias políticas. Essa presença do discurso do outro em todas as postagens selecionadas traz reflexividade (FAIRCLOUGH; MULDERRIG; WODAK, 2011; HALL, 2006), criatividade e dinamicidade ao debate de teor político.

CONCLUSÃO

Para este estudo, foi proposta uma análise das postagens políticas de grupos selecionados no Facebook: Contra o Golpe Fascista II, Jovens de Direita e Movimento Brasil Contra a Corrupção. Dessa forma, foram discutidos os conceitos de discurso, gêneros do discurso, poder, identidade e discurso do outro, promovendo um diálogo entre teóricos de linhas diversificadas, mas não excluídas: Bakhtin e Volochinov (2006), Bakhtin (2015, 2016), van Dijk (2010, 2012) e Hall (2006), apresentando a ideia de que o discurso traz as experiências e vivências dos indivíduos que o materializam, sem que se possa isolá-los da realidade social e política que os constituem.

O Facebook é um espaço de gênero discursivo que se caracteriza pelo entrecruzamento de vários discursos. Ao analisar as postagens escolhidas dos três grupos políticos, constatamos haver a presença do discurso do outro como estratégia linguístico-discursiva usada para divulgar as ideias que cada grupo apresenta a favor ou contra o contexto político do momento. Assim, ao se posicionarem ideologicamente, esses sujeitos constroem suas identidades, no caso, de grupo, e, ao mesmo tempo, manipulam o interlocutor, numa relação de poder que se mescla e se marca pela força do discurso do outro, tão mais reconhecida e que se quer indiscutível.

A identidade revela-se pela imagem selecionada para representação do grupo e pelos elementos linguísticos presentes no próprio nome e nas postagens, com exceção do grupo que se define apartidário, mas que nas suas postagens se revela um grupo contra a esquerda, ou seja, apresenta uma tendência para a direita.

Nesse sentido, a análise do discurso das postagens políticas, com base nos conceitos discutidos sob um olhar multidisciplinar, é relevante para entender

como o discurso do outro, de forma direta ou não, se faz presente no cotidiano e nas redes sociais como forma de divulgação das ideias e concepções de cada grupo, refletindo e refratando criticamente a atual realidade política brasileira.

Power, identity and other's discourse in the political posts in Facebook

Abstract

The arrival of technology promoted the appearance of new possibilities of language creative use. In the face of this new reality, we noticed Facebook, which is characterized by spreading opinions quickly, ideas, allowing the organization, for example, of groups or political movements, some directed to the maintenance of power and others interested in changing this social context. Therefore, we chose to analyse the posts from some political groups, using as theoretical support, authors related to Critical Discourse Analysis (CDA), among them, Fairclough, Mulderrig and Wodak, (2011) and van Dijk (2010, 2012), and also looking for a correlation with the classical positions of Bakhtin (2015, 2016), in this way, investing on a multidisciplinary discussion.

Keywords

Identity, Other's discourse, Power.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CRYSTAL, D. *The scope of internet linguistics*. American Association for the Advancement of Science Meeting, feb. 2005. Paper.

POSSE de Michel Temer após o impeachment de Dilma Rousseff. *El País*, 1º set. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/30/politica/1472559177_490168.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

FAIRCLOUGH, N.; MULDERRIG, J.; WODAK, R. Critical discourse analysis. In: VAN DIJK, T. (Ed.). *Discourse studies: a multidisciplinary introduction*. 2. ed. London: Sage Publications, 2011. p. 357-378.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RESULTADO da apuração do 2º turno. *Portal G1*, 27 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VAN DIJK, T. Discurso e produção do conhecimento. Tradução Orison Bandeira Júnior. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 257-267.